



Working Papers

O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa

O(s) Islamismo(s) na Europa: diversidade, ideias e figuras centrais

Sandra Liliana Costa



O(s) Islamismo(s) na Europa: diversidade, ideias e figuras centrais

*Sandra Liliana Costa**

Enquanto ideologia política e social, o Islamismo surgiu no Médio Oriente e afirmou-se sobretudo a partir da década de 1940, em resultado de um conjunto de factores políticos, económicos, sociais e históricos. Cerca de duas décadas mais tarde, extravasou as fronteiras do mundo muçulmano, sendo, actualmente, um fenómeno global. Este texto propõe-se reflectir sobre o panorama actual do Islamismo na Europa, analisando o contexto da sua implementação e a sua função e objectivos (declarados ou ocultos) actuais. Após referirmos as correntes de pensamento e acção existentes no seio desta ideologia, analisaremos como essas tendências se manifestam na Europa, as suas organizações, ideias e *modus operandi*.

O Islamismo: definição e tipologia

O Islamismo pode ser definida como a afirmação e a promoção de crenças, leis, políticas com carácter islâmico, tendo reagido ao Nacionalismo, às ideologias seculares, à formação dos Estados-nações e à ocidentalização das leis e dos costumes. O seu contínuo desenvolvimento fez com que, no espaço de três décadas, a oposição política baseada nesta ideologia se tornasse central no espectro ideológico da oposição política árabe e a única linguagem de protesto social em muitos dos países do mundo árabe muçulmano. Apesar de frequentemente identificado com a sua franja mais radical – sem dúvida, aquela com maior exposição mediática –, o Islamismo é um projecto mais abrangente, complexo e multifacetado. Sob o manto de uma retórica religiosa, os islamistas focam a sua atenção em questões políticas, sociais e económicas.

Apesar das bases comuns, a ideologia islamista é atravessada por diversas correntes de pensamento e composto por vários movimentos e grupos, os quais privilegiam diferentes objectivos e estratégias, e são compostos por actores sociais distintos. Não desconsiderando outras subdivisões e designações que possam existir, distinguimos três correntes que, não sendo rígidas, pensamos serem

* Trabalho realizado no âmbito do projecto POCI/CPO/56994/2004, aprovado pela FCT e pelo POCI 2010 e participado pelo FEDER.



demonstrativas do panorama islamista actual. Assim, podemos falar de uma tendência com carácter mais político, a qual aposta na islamização do Estado por processos políticos e invoca reformas democráticas, embora continue a suscitar algum cepticismo em relação às suas intenções reais. Outra tendência possui um cariz tendencialmente apolítico, e através da *da'wa* (actividades missionárias) procuram re-islamizar a sociedade e os costumes, não vendo no poder político um objectivo a atingir. Por fim, existe o Islamismo radical formado por movimentos com uma postura reaccionária e adeptos de estratégias que promovem o confronto com os regimes muçulmanos e o Ocidente e suas influências corruptoras.

À semelhança do que acontece no mundo muçulmano, estas correntes manifestam-se de modo distinto e têm implicações diferentes em território europeu.

Contexto de chegada do Islamismo à Europa

A diáspora islamista acompanhou, de certo modo, a diáspora das populações muçulmanas que procuraram na Europa melhores condições de vida. Assim, a partir da década de 1960, países como a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Bélgica, Suécia e Suíça começam a receber muitos refugiados provenientes de países do Médio Oriente e Norte de África. O exílio é primeiramente motivado por considerações securitárias: os activistas - principalmente Egípcios, Sírios e Jordanos - procuram escapar à repressão dos regimes autoritários no poder nos seus países. Foram estes que lançaram as sementes do Islamismo na Europa, ajudando a fundar locais de culto e associações religiosas, culturais e educacionais. Este continente representava um local seguro para continuarem a combater os regimes autoritários e a trabalharem em prol do estabelecimento de Estados islâmicos nos seus países. Nos seus países de acolhimento, esta elite islamista beneficiou de uma conjuntura propícia à abertura ideológica. Assim, até à década de 1980, a utilização da esfera pública europeia era instrumental, pois aqueles acreditavam que, após a liberalização política, regressariam aos seus países.

De igual modo, o contacto directo com a modernidade europeia endurece a retórica anti-ocidental destes elementos, os quais aproveitam para denunciar o imperialismo político, cultural e ético do Ocidente que submetia as sociedades muçulmanas.

Apesar disto, o discurso islamista teve uma influência marginal nas populações imigradas. Tal acontecia, porque estas populações consideravam a sua presença na Europa temporária e estavam ligadas aos consulados dos seus países de origem, os quais tomavam a seu cargo os assuntos religiosos. Com o



crescimento e estabelecimento definitivo das comunidades imigrantes muçulmanas a partir da década de 1980, a Europa deixou de ser considerado como *dar al-harb* (território de guerra). Os islamistas aqui presentes mudaram de estratégia, começando a focar a sua atenção nas condições das próprias comunidades muçulmanas.

Entretanto, o activismo político por parte dos Muçulmanos tomou um rumo mais independente e uma natureza mais política com a polémica em torno de Salman Rushdie e o debate sobre o véu islâmico, em França, ambos em 1989. Durante a década de 1990, assistiu-se à intensificação desta tendência, a que não é alheio o conflito no Golfo, em 1991, nem a crescente democratização no acesso às novas tecnologias de comunicação e informação.

Aproveitando a grelha anterior, veremos como a paisagem islamista na Europa é composta por uma vertente política, uma vertente apolítica/missionária e uma vertente radical.

O Islamismo político

Entre os movimentos islamistas de cariz político mais desenvolvidos na Europa destacam-se os grupos afiliados à Irmandade Muçulmana, grupos inspirados ou ligados ao *Jamaat-i-Islami* paquistanês, o *Milli Görüs* turco e elementos ligados ao Sufismo político.

Com efeito, os islamistas que começaram a chegar à Europa após a década de 1960 estavam principalmente ligados à Irmandade Muçulmana e suas ramificações por diversos países do Médio Oriente e deslocavam-se ora na qualidade de refugiados políticos, ora como estudantes universitários. Estes dois grupos foram fundamentais para fomentarem o estabelecimento de redes de mesquitas, centros de apoio e organizações islâmicas, ligadas ideologicamente à Irmandade e indispensáveis para disseminar a sua influência na Europa. Actualmente, a Irmandade Muçulmana influencia, directa ou indirectamente, um conjunto de organizações na Europa, acreditando-se que também intervém em algumas associações de estudantes muçulmanos em universidades ocidentais. Os seus principais centros de influência são a França – onde influencia a *União das Organizações Islâmicas de França* -, o Reino Unido – onde é representada pela *Muslim Association of Britain* - e a Alemanha – onde controla a *Sociedade Islâmica da Alemanha* -, países onde a população muçulmana é mais numerosa. No entanto este movimento também exerce influência noutros países, como em Itália, onde controla a *Unione delle Comunità ed Organizzazioni Islamiche in Italia*, parceira de



diálogo com as autoridades no que toca a assuntos islâmicos. Estes vários grupos adaptam-se ao enquadramento político, legal e social dos países onde se formam, de modo a atingirem os seus objectivos.

Em 1997, cerca de 500 organizações nacionais influenciadas pela Irmandade (entre as quais as já referidas) agrupam-se em torno da *União (ou Federação) das Organizações Islâmicas da Europa* (UOIE), uma estrutura supranacional, com sede em Bruxelas e que funciona como grupo de lobby. A UOIE está ligada ao *European Institute of Human Sciences*, em França, o qual se dedica ao treino de imãs e líderes religiosos,¹ ao *European Trust*,² caridade fundada em 1996 com sede no Reino Unido, bem como ao *European Council for Fatwa and Research*, em Dublin. Este organismo junta teólogos de todo o mundo, a maioria residentes na Europa, e tem como objectivo a definição de normas religiosas no contexto europeu. Para alguns críticos, este órgão supranacional representa o primeiro passo para a introdução da *sharia* no seio das comunidades muçulmanas europeias. O seu líder é o controverso Sheikh Yusuf al-Qaradawi, um académico islamista egípcio no exílio no Qatar, famoso pelo seu programa na cadeia de televisão *Al Jazeera*, onde ele opina e emite *fātwas* baseadas na sua interpretação do Alcorão. Este chegou a defender que a instalação de Muçulmanos no Ocidente não é apenas permissível, como também uma necessidade religiosa e uma obrigação para o movimento revivalista islâmico. A sua afinidade ideológica com a Irmandade, bem como a sua influência e proeminência têm contribuído para a expansão e consolidação da posição daquele movimento em solo europeu.

Em Dezembro de 2009, foi criada uma nova associação sob alçada da UOIE: a *European Authority for the Defense of Muslims Rights*, com sede em Bruxelas. Apesar da UOIE continuar a desempenhar um papel dominante na paisagem do Islão político, está actualmente a atravessar uma crise de legitimidade entre alguns jovens, sobretudo por evitar questões mais conflituosas.

Um dado importante é o facto da Irmandade ter usufruído de fundos sauditas e de outros países do golfo para financiar as suas actividades e as suas obras.³ Os próprios Sauditas concederam posições importantes a elementos da Irmandade em muitas das suas organizações, incluindo as existentes na Europa, como a *Muslim World League* (cujo primeiro gabinete abriu em Paris em 1977) e a

¹ Alguns críticos do EIHS defendem que a instituição se dedica, essencialmente, à arabização e re-islamização dos seus estudantes.

² Para alguns autores, esta instituição é a responsável pelo financiamento da UOIE, recebendo fundos de países do Golfo, nomeadamente da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes Unidos, do Bahrein e do Kuwait.

³ Estes fundos, supostamente destinados a ajuda humanitária e caridade, têm um propósito missionário – difundir a interpretação wahhabita do Islão - e, como se viria a constatar após 2001, fluíram pelo mundo desde a década de 1960 sem qualquer controlo ou supervisão sobre a maneira como eram distribuídos ou aplicados, acabando por ir parar às mãos de redes e indivíduos extremistas.



World Assembly of Muslim Youth. Assim, a tolerância de que alguns elementos da Irmandade Muçulmana beneficiaram em solo europeu associado ao apoio financeiro proveniente do Golfo permitiu a este movimento construir tentáculos fora do mundo islâmico. A Irmandade gere um conjunto de instituições – públicas, educacionais e de comunicação - interligadas e financeiramente interdependentes, apesar de formalmente não possuir nenhuma estrutura na Europa. Esta foi capaz de estabelecer estruturas onde alicerçam as suas finanças e através das quais estendem o seu alcance dentro de outras organizações comunitárias, pelo que este movimento parece ter já atingido um considerável grau de maturidade em território europeu.

A *Jamaat-i-Islami*, também tem ramificações na Europa, especialmente no Reino Unido. Com o estabelecimento de imigrantes indianos e paquistaneses neste país, durante as décadas de 1950 e 1960, alguns seguidores de Mawdudi fundaram a primeira organização ligada ideologicamente à *Jamaat-i-Islami*, em 1962: a *U.K. Islamic Mission*. A organização diz dedicar-se à *da'wa* e ao fornecimento de serviços sociais e educacionais. Apesar de algumas organizações muçulmanas formadas naquela altura terem por objectivo a salvaguarda da identidade muçulmana da população sul asiática, autores como Gilles Kepel acusaram a *UK Islamic Mission* de ultrapassar este objectivo proteccionista ao promover abertamente a islamização da sociedade britânica através da imposição de uma ordem social islâmica.

Em 1973, uma figura ligada ao *Jamaat-i-Islami* estabeleceu a *Islamic Foundation*, actualmente uma das maiores instituições de estudos islâmicos na Europa. Esta é responsável pela tradução e publicação de vários textos islâmicos, dando especial atenção a autores revivalistas, tais como Mawdudi.

Outra organização com forte presença na Europa é o *Milli Görüs* (“Visão Nacional”), movimento político-religioso formado na Alemanha, em 1971, associado com o partido islamista *Refah*, o qual foi lançado na clandestinidade, em 1998, pelo Tribunal Constitucional turco. Este movimento atrai principalmente membros da diáspora turca, mas o movimento define-se como religioso, e não nacional. Os seus aderentes na Europa referem-se a si próprios não com Turcos, mas como “Muçulmanos de origem turca”, na tentativa de preservar a sua identidade islâmica. O *Milli Görüs* organiza actividades religiosas e sociais, e diz oferecer representação política e religiosa à comunidade turca europeia. Assim, este movimento compete com o *Diyanet* (ou DITIB, Türkisch-Islamische Union der Anstalt für Religion, como é conhecido na Alemanha), organismo representativo do Islão oficial do Ministro dos Assuntos Religiosos turco. Enquanto o *Diyanet* se opõe à criação de um Islão indígena em países como a Bélgica, o *Milli Görüs* considera que é através deste



Islão que pode aumentar as suas oportunidades junto das comunidades muçulmanas e dos Estados europeus.

Existem ainda alguns movimentos sufis de tendência política, os quais mantêm fortes ligações às estruturas sufis dos seus países de origem. Embora o Sufismo seja, com frequência, considerado a antítese do Islamismo político (com a procura de uma religiosidade pacífica, apolítica e tolerante), na Europa, estes movimentos adoptaram uma crescente postura política, actuando como uma alternativa à UOIE, a quem criticam por supostamente colaborarem muito intimamente com processos governativos. Um destes grupos é o *Participation et Spiritualité Musulmane (PSM)*, estabelecido por volta do ano 2000, por intermédio de estudantes marroquinos, sendo um derivado do movimento marroquino, *Justice and Spirituality Movement*, fundado em 1987 pelo Sheikh Yassine. Na mesma linha existe a *Association of Islamic Charitable Projects*, mais conhecido por *Ahbash*, um movimento com origem no Líbano, que está presente na Europa desde os anos 1980. Existe ainda os seguidores de *Fethullan Gulen* (turco exilado nos EUA), cujo movimento controla uma rede internacional de instituições educativas e fundações.

Concluimos que perante o reconhecimento da oportunidade de agirem como lobbies na esfera pública europeia - através de estruturas bem organizadas e capazes de influenciarem o debate político - estes movimentos procuram apresentar-se como representantes dos Muçulmanos residentes na Europa nos sistemas políticos dos países europeus e como defensores do reconhecimento dos seus direitos sociais e culturais. Politicamente pragmáticos, estes apelam à necessidade de integração na paisagem política e social e adaptaram os discursos às sensibilidades dos Muçulmanos nascidos já em solo europeu, colocando a ênfase na política nacional e na unidade dos Muçulmanos independentemente das diferenças étnicas e religiosas. Regra geral enfatizam o compromisso e a cooperação de modo a aumentarem a sua influência junto das autoridades.

Uma das figuras que preconiza a síntese entre os valores do Islão e a modernidade europeia é o controverso académico Tariq Ramadan, neto do fundador da Irmandade Muçulmana, Hassan al-Banna. Inicialmente próximo da UOIE, sobretudo da sua afiliada francesa (tendo frequentado diversos eventos organizados por aquela em Le Bourget), acaba por ser um dos fundadores do *European Muslim Network*. Este auto-define-se como um reformista, preconizando a europeização do Islão, mas é frequentemente acusado de utilizar uma linguagem ambígua, passível de leituras diversas e de moldar os seus discursos atendendo às audiências a quem se dirige.



O Islamismo apolítico/ missionário

As tendências ditas apolíticas ou missionárias têm uma presença sólida no continente europeu. Grupos como o *Tabligh Jamaat* e alguns movimentos salafitas declaram ter objectivos missionários, rejeitando o enquadramento das suas actividades nas estruturas políticas europeias. Estes grupos assumem como objectivo a preservação da identidade muçulmana e o reforço da fé e ordem moral através de uma educação islâmica. Estes acreditam que através da *da'wa*⁴ podem criar um movimento social, responsável por restabelecer o Islão num lugar de proeminência.

Estes movimentos opõem-se a todas as formas de participação na vida política por parte das populações muçulmanas na Europa, pois o Islão estabelece a soberania absoluta de Deus. Mesmo apolíticos, conservam um elemento de protesto simbólico, através da sua atitude de desistência e rejeição dos valores sociais dominantes. No entanto, estes movimentos não são completamente desprovidos de objectivos políticos, pois desejam provocar um revivalismo islâmico que, eventualmente, possa conduzir ao estabelecimento de um Estado islâmico ou influenciar os governos europeus, por exemplo, na questão da aplicação da lei islâmica. Muitos jovens alienados e com problemas encontram nesta forma de viver a religião um forma de dar sentido à sua existência e lidar com as frustrações quotidianas.

O *Tabligh Jamaat*, ligado à escola conservadora deobandi, chegou à Europa na década de 1960, por intermédio da comunidade indo-paquistanesa a residir no Reino Unido e dali expandiu-se para outros países europeus. Por defender uma atitude de isolamento e separação do mundo circundante, nalguns países europeus, como em França, este movimento transnacional de natureza quietista já foi acusado de fomentar um ambiente propício à divulgação de ideais mais extremistas.

Relativamente ao Salafismo, este constitui um movimento plural e contraditório, englobando uma gama variada de posicionamentos políticos, demonstrando a ausência de uma sinergia organizacional. Assim, podem ser identificadas três tendências distintas, cada uma mantendo uma relação específica com a sociedade ocidental e preconizando o regresso ao Islão inicial através de diferentes métodos. Os salafitas missionários recorrem à pregação e desenvolvem relações fundadas no registo sectário; a vertente política combina a leitura política

⁴ Pregação, podendo constituir um apelo aos Muçulmanos para que se tornem mais crentes e melhorem a sua conduta enquanto membros da *ummah* e um convite aos não Muçulmanos para que convertam a Islão.



do Islão com o dogmatismo religioso, rejeitando o recurso à violência, mas também a democracia secular; o Salafismo revolucionário ou *jihadista* exprime as suas relações com a sociedade através da violência.

O Salafismo entrou na Europa por intermédio de Sauditas ou indivíduos formados em universidades sauditas e através de antigos militantes do ramo salafi da Frente Islâmica de Salvação argelina. Em território europeu, este movimento torna-se um importante vector de re-islamização a partir dos anos 1990. A sua emergência deve ser interpretada como uma recusa da excessiva politização do Islão segundo padrões europeus, e uma crítica à integração de valores considerados estranhos ao Islão na herança islâmica.

O Salafismo politicamente orientado constitui uma minoria no seio do movimento salafita na Europa, onde se implementou através da Liga Islâmica Mundial. O Salafismo missionário representa a tendência maioritária. Este defende que um Estado e sociedade verdadeiramente islâmica só são possíveis através da purificação da religião das inovações corruptoras e da educação dos Muçulmanos. O actual sucesso deste tipo de Salafismo entre alguns Muçulmanos europeus fica, em parte, a dever-se ao sentimento de desapontamento pelo fracasso de movimentos como a UOIE. Estes são criticados por quererem defender os Muçulmanos na Europa recorrendo a categorias políticas ocidentais, por defenderem uma reforma do Islão segundo a modernidade ocidental e por aceitarem negociar com o Estado no que toca à institucionalização do Islão. Esta forma de Salafismo está bem implantada na Holanda, Bélgica e França, por intermédio da imigração magrebina e de indivíduos de origem argelina.

O Islamismo radical

Com o salafismo *jihadista* (o qual combina o respeito pelos textos sagrados interpretados de forma literal com um compromisso absoluto com a *jihad*) entramos já no campo do Islamismo radical. Esta é a ideologia que inspirou o *jihadismo* global. A radicalização da ideologia islamista teve lugar a partir da década de 1960 em vários países árabes, (nomeadamente no Egipto com o aparecimento de vários movimentos dissidentes da Irmandade Muçulmana e adeptos das visões de Sayyid Outb). Os islamistas radicais são altamente selectivos relativamente aos textos religiosos, rejeitam as autoridades religiosas, apresentam um discurso oposto a todas as formas de colaboração com os regimes muçulmanos ou sociedades ocidentais, e mostram uma predilecção especial pelo recurso á violência para tomar o poder e islamizar a sociedade de modo autocrático.



O islamismo radical é composto por um conjunto de grupos diversos e nem sempre fácil de classificar: uns levam a cabo uma luta nacionalista para recuperarem territórios perdidos (Palestina, Caxemira, Chechénia); outros têm um carácter revolucionário, lutando contra os regimes muçulmanos com vista a derrubá-los e capturar o Estado (como o GIA argelino ou o Grupo Islâmico no Egipto, o qual renunciou à violência em 2003); outros falam de *jihād* global, promovendo o confronto militar com os EUA e seus aliados de modo a vingar e libertar da opressão os Muçulmanos subjugados aos infiéis e restaurar o Califado. Com efeito, a tendência *jihadista* – que tem o salafismo *jihadismo* na sua base - é um fenómeno recente e minoritário no seio da corrente radical, tendo surgido em resultado das transformações ocorridas durante o conflito afegão, na década de 1980.

Foi sobretudo a partir do início da década de 1990 que a deslocação para a Europa de indivíduos pertencentes a grupos de tendência radical começou a tornar-se mais problemático. Estes são provenientes de dois campos de batalha diferentes. Da Argélia, chegam muitos adeptos do FIS (*Frente Islâmica de Salvação* que estava prestes a ganhar as eleições de 1991), os quais fogem da guerra civil, após o que assistimos à emergência do GIA (*Groupe Islamique Armé*), sobretudo a partir de 1994. Estes transpõem a luta para solo francês (onda de atentados em França após 1995) e, por vezes, utilizam cidades francesas, mas também Londres, como base de propaganda e financiamento.⁵

Por outro lado, a ideia de *jihād* global entrou na Europa por intermédio de alguns indivíduos que tinham participado no conflito afegão, os quais contestam os regimes ocidentais e o seu apoio aos regimes árabes. É, aliás, durante esta década que se verifica uma alteração no pensamento e acção destes *jihadistas*. Até então, estes dirigiam a sua luta contra os inimigos internos do Islão, ou seja, os regimes árabes; a partir, sensivelmente, de 1998, uma franja no interior daquele movimento começa a falar da *jihād* contra a aliança entre “cruzados, sionistas e seus colaboradores”: EUA, Israel e aliados ocidentais. Esta passagem de uma lógica local a uma lógica global foi causada, sobretudo, pela alteração das condições regionais e internacionais e por questões inerentes ao funcionamento interno do movimento: retirada russa do Afeganistão, a guerra do Golfo e estabelecimento permanente de forças militares americanas em solo saudita, o insucesso de diversos grupos islamistas no conflito que os opunha aos seus governos. Na perspectiva daqueles, a luta contra os países ocidentais iria abalar as consciências

⁵ O GIA acabaria por desaparecer, resultado de várias razões históricas, nomeadamente a contestação à sua deriva sanguinária por parte das populações civis argelinas. Alguns dissidentes viriam a formar, em 1997, o Grupo Salafita para a Pregação e Combate, actualmente al-Qaeda no Magrebe Islâmico.



muçulmanas, bem como enfraquecer os regimes locais que gozavam do apoio dos governos ocidentais. Assim, aqueles não só se deslocam para o Ocidente, como fazem deste um inimigo a combater!

Os ideólogos e estrategas da *jihad* a nível global favorecem a implementação de redes operacionais com ramificações em várias cidades europeias. Algumas figuras proeminentes - como o sírio Abu Mus'ab al-Suri, o palestiniense Abu Qatada al-Filastini, o egípcio Abu Hamza al-Masri e o sírio Omar Bakri Muhammed – tornaram as cidades onde se instalaram (sobretudo, Londres) pólos de comunicação e coordenação relevantes, bem como palco de radicalização e recrutamento, ao difundirem os seus ideais e ao reunirem apoios para diversos conflitos como aqueles que tiveram lugar na Bósnia e Chechénia. Em solo europeu, a combinação de condicionalismos externos,⁶ com factores internos⁷ e com factores psicológicos e abstractos⁸ dão credibilidade à mensagem e valores subversivos difundidos por estes indivíduos. Assim, muitos jovens alienados pela cultura dos pais e rejeitados pela sociedade receptora por motivos raciais, étnicos, culturais, religiosos e sociais procuram uma identidade alternativa e auto-estima nesta suposta vanguarda islâmica global.

No entanto, existem alguns grupos na Europa que situam a sua acção numa lógica salafita revolucionária, mas não violenta. O caso mais emblemático é o *Hizb ut-Tahrir* (Partido da Libertação), um partido islamista global que se define não violento, e que é produto de um cisma no interior da Irmandade Muçulmana palestiniense, em 1953. Este grupo é muito activo no Reino Unido e na Dinamarca, tendo recrutando intensamente nos campus universitários especialmente no primeiro daqueles países. O *Hizb ut-Tahrir* foi banido dos campus ingleses em diversas ocasiões – em 1994, 1995 e 2004 – mas, as suas actividades naqueles nunca cessaram completamente, nem a sua influência junto de certas sociedades muçulmanas das universidades (recruta também em escolas secundárias). Apesar de defender a restauração do Califado governado pela *sharia*, este grupo é extremamente cauteloso (com a linguagem que utiliza) em não se deixar ligar a acções violentas. Estes mostram-se sempre muito “abertos” à sociedade e qualquer pessoa que queira assistir às reuniões e eventos que organizam, são convidadas a entrar, o que é demonstrativo de um *modus operandi* original

⁶ Tensões no mundo árabe (por vezes, causadas por muitos anos de intervenção ocidental), conflitos na Palestina, Iraque e Afeganistão.

⁷ Condições socioeconómicas, alienação política, marginalização das comunidades muçulmanas, percepção de uma política externa injusta, regendo-se segundo dois pesos e duas medidas.

⁸ Diferentes histórias de vida, frustração e falta de realização pessoal.



Conclusão: Islamismo causador de tensão?

Para terminar, refira-se o carácter dinâmico do Islamismo na Europa, onde esta ideologia se adaptou à vivência dos Muçulmanos e às novas realidades e proveu o seu discurso de novos temas e problemáticas. A profunda fragmentação em termos étnicos, linguísticos, sectários e políticos das comunidades muçulmanas impediu a formação de organizações amplamente representativas em praticamente todos os países da Europa. Aqui, várias correntes, movimentos, grupos e personalidades competem entre si pelo apoio e representação destas comunidades. Com o crescimento e estabelecimento definitivo das populações muçulmanas em solo europeu, verificou-se uma alteração dos objectivos e modo de actuação destes movimentos. Alguns assumem-se como porta-vozes e defensores dos interesses muçulmanos junto das autoridades europeias; outros esforçam-se para que estas populações não se afastem do Islão e da sua identidade muçulmana devido à integração na sociedade europeia. Note-se, no entanto, que quando falamos de Muçulmanos não estamos perante uma nova categoria sociopolítica, pelo que a mobilização daqueles no espaço público e o seu envolvimento na vida política europeia pode assumir formas infinitas. Assim, as comunidades muçulmanas europeias acomodam diferentes posicionamentos políticos, ligados ou não ao factor religioso, pelo que não devemos cair na tentação de tornar um “marcador” religioso num “marcador” político!

Para além dos problemas óbvios causados pelos grupos adeptos da violência, o Islamismo na Europa pode ser causador de tensões, por outros motivos. Alguns movimentos defendem a criação de espaços totalmente regidos pelos valores e normas islâmicas. Ao fomentarem uma identidade separada para os Muçulmanos e o afastamento da sociedade envolvente, criam obstáculos à integração daqueles nas sociedades europeias e contribuem para o desenvolvimento de sociedades paralelas. Assim, grupos como o *Tabligh Jamaat*, certos grupos salafitas e o *Hizb ut-Tahrir* levantam suspeitas na Europa e são muitas vezes considerados *gateway groups* para outros grupos mais radicais. Ao apontarem as deficiências e criticarem as sociedades europeias, ao referirem constantemente os conflitos que opõem Muçulmanos a não Muçulmanos e as condições injustas que vigoram em grande parte do mundo muçulmano (culpando países ocidentais por isso) estes podem alimentar ressentimentos e tornar os seus membros mais permeáveis a discursos extremistas e mesmo a verem como aceitável o recurso à violência.



Outro motivo de tensão prende-se com o facto de muitos movimentos islamistas (de tendência política) terem objectivos específicos, os quais tentam atingir apresentando-se às autoridades europeias como moderados. Estes esforçam-se por influenciar o clima político e social relativamente ao Islão e o desenvolvimento do discurso e actividade política dos Muçulmanos nos respectivos países de actuação. Através da politização das associações que controlam, tentam favorecer agendas muçulmanas tanto no plano doméstico, em temas como o papel da *sharia* ou o uso do véu, como em assuntos internacionais, como a questão na Palestina, o conflito no Afeganistão e outros assuntos de política externa afectando o mundo muçulmano. Apesar destes grupos pautarem as suas atitudes por um espírito de cooperação com as autoridades locais, nacionais e mesmo europeias, a questão que se coloca é se a sua capacidade de mobilização entre os Muçulmanos poderá, ou não, vir a ter impacto na formulação de políticas, trazendo para a discussão pública temas como a aplicação da lei islâmica entre as comunidades muçulmanas europeias e exercendo pressões no sentido de medidas mais conservadoras a nível social e moral.

Outro problema que pode ser apontado está relacionado com certos valores vinculados por alguns grupos islamistas, mesmo os ditos moderados. É um facto que alguns grupos - como as organizações europeias com raízes ideológicas na Irmandade Muçulmana e na *Jamaat-i-Islami* ou os salafitas políticos - podem ajudar a impedir ou minimizar a radicalização de jovens. Alguns especialistas, aliás, defendem que estes islamistas moderados são aqueles que terão mais sucesso na eliminação do apelo *jihadista*, pois são os únicos que têm credibilidade junto de certos segmentos populacionais para desafiar aquela narrativa. Estes poderão imunizar os jovens contra a doutrinação *jihadista* ao apresentarem-se como uma forma alternativa de identificação. Vários governos europeus reconhecem este facto e, por isso, fazem destes grupos seus parceiros nos programas de luta contra o extremismo e de prevenção da radicalização violenta. No entanto, alguns críticos levantam uma questão pertinente: embora desempenhando um papel importante ao impedir alguns actos de violência contra a Europa, algumas destas organizações disseminam alguns valores e ideias que colidem com os valores europeus e, portanto, minam o processo de integração dos Muçulmanos. Por exemplo, a Irmandade Muçulmana através dos seus grupos tenta dissuadir os Muçulmanos do recurso à violência, desviando-os para actividades políticas e de caridade. O problema é a condenação selectiva da violência - denunciam actos violentos na Europa, mas hesitam na condenação dos ataques na Palestina, por exemplo - e as suas posições ambíguas relativamente a temas como os direitos das mulheres,



igualdade de géneros, democracia e outros. Caso exista disseminação de ideias incompatíveis com as europeias, tal terá repercussões a longo prazo, podendo dar origem a um ambiente de desconfiança que prejudicará a coesão comunitária. Assim, as autoridades europeias enfrentam um complexo dilema no que toca à questão do envolvimento de islamistas políticos como parceiros contra a radicalização violenta, pois têm de avaliar se os resultados a curto prazo – evitar actos terroristas – justificam possíveis consequências futuras.

Por último, de notar que o Islamismo também constitui um desafio periférico devido, por um lado, à proximidade do Médio Oriente e do conflito Israelo-árabe, e por outro, à pressão exercida por grupos islamistas violentos no Magrebe, o vizinho do sul com quem a Europa mantém interacções intensas.